

# LUUANDA EM ESPANHOL: TRADUZIR O INTRADUZÍVEL

ÀLEX TARRADELLAS

alextarra@gmail.com.

Antes de mais, gostava de agradecer ao Francisco Topa e à comissão organizadora pelo simpático convite para vir até à bela cidade do Porto para um ato tão emotivo como este.

Provavelmente grande parte da minha incipiente alopecia foi provocada por José Luandino Vieira. Não o culpo por isso. Mas os factos são factos.

Tudo começou em 2004, quando tive a oportunidade de concluir a minha licenciatura em Humanidades na Universidade de Lisboa com uma bolsa Erasmus. Foi nas aulas do Professor Alberto Carvalho que tive o primeiro contacto com a Literatura Africana em Língua Portuguesa. Foi aí que descobri algumas vozes revoltadas que, infelizmente, julgo que em Portugal não receberam a importância que merecem, como Agostinho Neto, David Mestre e o seu poema «Portugal Colonial» e a poesia de influência oriental de Arlindo Barbeitos. Em 2005, num alfarrabista de Lisboa, mais concretamente na Livraria Avelar Machado, deparei-me por acaso com um pequeno livro que chamou logo a minha atenção. Um novo universo abria-se perante mim. A vida nos *musseques* começava a introduzir-se no meu imaginário. Como podia escrever tão bem alguém preso durante tantos anos no campo de concentração de Tarrafal acusado de «terrorista»?

Depois de traduzir Paulina Chiziane e alguns poetas que ficaram na gaveta, decidi iniciar o desafio de verter *Luuanda* para o castelhano. Naquela altura trabalhava numa livraria e fazia a tradução com calma, só por prazer e porque considerei que, para além de ser uma boa forma de reler mais profundamente a obra, Luandino devia ser conhecido no meu país. Quando em 2006 ganhou e recusou o Prémio Camões, percebi que era a altura

de começar a procura. Mal acabei a tradução, comecei a mover alguns cordelinhos para encontrar uma editora interessada na publicação de *Luuanda*. Depois de ouvir algumas respostas como «Não nos interessa a literatura escrita em português» ou «Isto não vende», uma pequena editora de Maiorca, que na altura só publicava em catalão, ficou interessada no projeto, já que tinha pensado dar início a uma nova coleção em castelhano, e decidiu comprar os direitos. O contexto económico fez com que *Luuanda* só fosse publicado pela Sol de Ícaro em 2011, cinco anos depois de ter terminado a tradução, e que a editora acabasse por se diluir e fechar pouco depois. Este é o grande problema do mundo da edição. As editoras supostamente grandes, embora tenham mais capacidade para investir, raramente arriscam em autores «desconhecidos». Muitas delas dão prioridade ao *marketing* e às folhas de Exel que controlam o *stock* de vendas, relegando a própria qualidade do texto. No entanto, nascem e renascem sempre uma série de editoras, muitas delas independentes, que, quase sem disporem de recursos, arriscam na publicação de uma obra que acreditam que é uma mais-valia para o seu catálogo e para os seus leitores. O inconveniente é que são inúmeros os casos em que, por não disporem de um canal de distribuição efetivo, acabam por ficar pelo caminho. Este foi o triste fim da Sol de Ícaro, mas esperemos que num futuro não muito longínquo alguma outra mostre interesse em Luandino e, com a publicação de *Luuanda* ou outras obras, o autor consiga abranger um maior número de livrarias e, conseqüentemente, de leitores de língua espanhola.

Também não podemos esquecer que a literatura em língua portuguesa, por si só, já é bastante periférica no panorama editorial espanhol. Os apoios aprovados nos últimos anos pelo Ministério da Cultura do Brasil para a tradução e a edição de autores brasileiros têm tido resultados bastante imediatos nas prateleiras e nas montras do país vizinho. No caso dos países africanos lusófonos, tirando Mía Couto, Ondjaki, Pepetela e José Eduardo Agualusa, os autores têm sérias dificuldades para serem publicados. Por isso julgo que é tão importante que os governos apostem na divulgação no estrangeiro das suas literaturas, e os apoios à tradução são um dos métodos mais efetivos para isso.

Luandino Vieira é praticamente desconhecido nos países de língua espanhola. Curiosamente, numa entrevista a Jorge Amado no jornal *La Vanguardia* realizada a 16 de setembro de 1996, quando lhe perguntaram sobre a possibilidade de um autor lusófono ganhar o prémio Nobel (nesse ano acabaria por ganhar José Saramago), declarou:

*¿Qué quiere decir en portugués? Hay escritores en esta lengua en Portugal, Brasil y África. Hay un escritor de Angola, Luandino Vieira, que sin duda lo merece, pero usted no puede pretender que el jurado lo conozca. Es más fácil que se le concedan a los escritores de lenguas que tienen más circulación en el mundo.*

Dez anos depois, como consequência da difusão que teve após o Prémio Camões, Luandino foi um dos nomes finalistas do Prémio Príncipe das Astúrias das Letras, um

reconhecimento anual que acabou por galardoar Paul Auster. Curiosamente, o autor nem sabia deste facto.

Uns meses antes de morrer, o italiano Antonio Tabucchi escreveu um interessante artigo na revista *Eñe* do jornal argentino *Clarín*, onde elogiou a obra de Luandino e relatou a conturbada história do fecho da Sociedade Portuguesa de Escritores por parte da PIDE<sup>1</sup>.

Após a publicação de *Luuanda* na Sol de Ícaro, apareceram algumas referências na imprensa espanhola e até uma livraria de Madrid especializada em literatura de viagens, a De Viaje, decidiu destacá-lo como um dos livros do mês. Este excerto que o escritor José Luis de Juan escreveu no caderno cultural *Bellver*, do *Diario de Mallorca* é muito ilustrativo disso mesmo:

*Es, desde luego, un escritor comprometido políticamente y que ha sufrido por ello, aunque no se le nota en la manera de escribir, ni siquiera pretende estamparnos un mensaje. Su compromiso es con su tradición literaria y con su lengua, y con la verdad de lo que conoce y ha vivido. En apariencia, este libro formado por tres relatos, parece algo costumbrista e ingenuo. Sus títulos podrían indicarlo: «La abuela Xíxi», «La historia de la gallina y el huevo». Nada más lejos de la realidad de lo escrito: son historias llenas de vida y profundidad, repletas de comprensión y compasión. La ironía sólo es aquí una consecuencia del devenir de los personajes, de su necesidad y sus cotidianas frustraciones. Les observamos y «oímos» sus diálogos con embeleso, limpiamente, sin filtros metaliterarios. Hay una épica preciosa y precisa en sus olvidados destinos. Si Agualusa es hasta cierto punto el cronista de los nuevos ricos, Luandino Vieira lo es de los desheredados, del submundo de Luanda<sup>2</sup>.*

É precisamente este submundo, esta defesa da oralidade, de um português não oficial falado pelos moradores dos *musseques*, que faz de Luandino Vieira um dos fundadores da literatura angolana. No entanto, acho que a sua obra transcende qualquer enquadramento de literatura nacional. É óbvio que os traços angolanos e o seu compromisso político estão bem patentes em todo o livro, mas nunca sendo panfletário. Sempre com uma invejável simplicidade que transporta o leitor para o mundo descrito.

O linguista tunisino Louis-Jean Calvet utilizou o termo «glotofagia» para referir o domínio, por imposição, de umas línguas sobre outras. Partindo da conceção das relações entre línguas como relações sociais e das línguas como veículos de ideologia, Calvet delinea a evolução histórica através do desprezo sistemático pela língua do outro, de qualquer outro que o poder negou, pela sua diferença. Por meio da «glotofagia», algumas línguas de poder engolem muitas outras, esquecendo que todas são línguas de cultura, esquecendo

---

<sup>1</sup> TABUCCHI, 2011.

<sup>2</sup> DE JUAN, 2011.

que a assimilação linguística não abrange, não tem porque abranger logo e totalmente a aculturação, a perda dos hábitos e sinais de identidade cultural<sup>3</sup>. Luandino Vieira teve a capacidade de utilizar a literatura como um instrumento para mostrar o português falado nas ruas de Luanda, um português misturado com léxico e expressões do quimbundo. A língua deixou de ser do colonizador quando este colonizou. Assim, a modernidade deixou de ser uma tradição exclusiva de Europa. O filósofo Daryush Shayegan, que criticou duramente o critério de seleção de Harold Bloom na sua obra *O Cânone Ocidental*, defende que todas as civilizações afetadas, modificadas e degradadas pela modernidade também são em parte ocidentais, independentemente da sua situação geográfica. A grande maioria da população mundial vive «em zonas de mistura e de mestiçagem, em campos de cruzamentos, ao que eu chamo a *zona de hibridação*», declara o iraniano. «Uma civilização pura, cujos membros estejam organicamente unidos num todo indissociável, é pura ficção»<sup>4</sup>. E Luandino é um escritor realista, um escritor realista que apenas utiliza a ficção para contar a dura realidade do seu país.

Em 2009 a professora angolana Conceição Lima publicou *A dupla tradução do outro cultural em Luandino Vieira*. Tenho a certeza de que se tivesse descoberto este estudo na altura da minha tradução o meu leque de dúvidas teria aumentado, mas ao mesmo tempo teria elucidado alguns dos problemas da intraduzibilidade. A autora descreve a escrita de Luandino como híbrida. Uma das soluções mais interessantes que propõe quando o hibridismo inunda o texto de referências culturais intraduzíveis para outras línguas é a teoria do *terceiro espaço* de Homi Bhaba, um terceiro espaço que permite integrar a cultura do colonizado e a do colonizador:

*Analizando a essência da literatura pós-colonial (e ao abordar-se, concomitante ou posteriormente, a questão de tradução de textos pós-coloniais), considera-se a priori um espaço de não-transponibilidade, um elemento de resistência, onde se expande a fronteira cultural – o espaço intersticial – e em que a sobreposição das camadas culturais gera um novo sujeito, híbrido.*

*Contudo, é nesta passagem intersticial onde todos os processos de diferença cultural entram em conflito, e por conseguinte se tornam visíveis, que a experiência histórica migrante (se temporal, também espacial) recoloca a sua própria identidade, cria um novo tecido de diferença cultural.*

*O «elemento estrangeiro» cultural e, por isso, não exclusivamente linguístico torna-se no elemento de troca em qualquer cultura. A comunicação entre culturas envolve, através de um processo de tradução, não apenas a redefinição do significado do Outro, de acordo com o nosso próprio contexto representacional, mas também uma transformação da nossa própria articulação da representação, a construção de um “Terceiro Espaço” de significado<sup>5</sup>.*

<sup>3</sup> CALVET, 2005.

<sup>4</sup> SHAYEGAN, 2008: 45.

<sup>5</sup> LIMA, 2009: 24-25.

É claro que traduzir *Luuanda* impõe um certo respeito. Não pretendo cuspir no prato em que como, mas eu próprio sou partidário, sempre que for possível, de ler o original antes da tradução. No entanto, acho que não se devia estender o discurso de que algumas obras são intraduzíveis. O tradutor deveria poder autoflagelar-se livremente em prol de dar a conhecer um autor que lhe interessasse divulgar. *Traduttore traditore*, tradutor traidor, diz o provérbio italiano. Partindo desta base, de que traduzir implica uma certa traição, acho que é importante tentar encontrar um equilíbrio no momento de aplicar o respeito. Um respeito ao autor, ao seu texto e ao seu contexto, mas sem esquecer o leitor de chegada, que provavelmente não tem muitas referências culturais. Luandino Vieira também foi tradutor e de certeza que também procurou este equilíbrio na difícil tradução publicada em 1974 por Edições 70 de *A Laranja Mecânica* de Anthony Burgess, um romance cheio de palavras e expressões em *nadsat*, uma gíria que utilizavam as jovens e violentas personagens.

Uma das qualidades que mais admiro de Luandino é a sua capacidade de recriar cenários verosímilantes através da escrita. O facto de reproduzir o português falado das personagens evidencia a sua familiaridade e respeito pelo quimbundo. A importância da oralidade na cultura africana é primordial e em *Luuanda* o autor soube expressar isso de uma forma realista, subvertendo a língua portuguesa para dar prioridade à que era falada nos *musseques*. Ao traduzir para outra língua um livro como este, uma das minhas grandes preocupações foi não transformar a obra em mero exotismo, um exotismo que de certeza tornaria o livro mais comercial mas ao mesmo tempo insubstancial e impregnado de um certo paternalismo ocidental. Para tentar facilitar a compreensão ao leitor espanhol, escrevi um breve prefácio no qual apresentei o autor, a importância desta obra e alguns aspetos sobre a tradução que na altura achei que se deviam destacar. Depois de consultar algumas traduções noutras línguas, decidi reduzir consideravelmente o glossário final. É preciso ter em conta que este não existia nem na primeira edição nem na edição clandestina de 1965 impressa em Braga (embora diga Belo Horizonte). Decidi manter alguns termos relacionados com a flora, a fauna, a gastronomia, a topografia e a tradição popular sem equivalente semântico em castelhano. Também optei por deixar alguns, como *musseque*, já que embora ainda não seja uma palavra estendida, não achei indicado traduzi-la tendo em conta que *favela* já está normalizada na minha língua e traduzido perderia as suas conotações.

Como é óbvio, quando alguém começa por traduzir por gosto uma obra desta dimensão, depois é muito difícil libertar-se da «síndrome do tradutor». Antes de o livro ir para a gráfica, decidi fazer uma grande revisão do trabalho e, tenho a certeza de que agora, se houvesse uma reedição, acabaria por fazer uma nova e exaustiva revisão. Este síndrome só é provocado pelos grandes livros, aqueles que não nos cansamos de reler, e que cada vez que o fazemos abrem uma nova janela.

Há já mais de sete anos que traduzi *Luuanda* e, inevitavelmente, esqueci-me de algumas passagens que durante muito tempo formaram parte do meu quotidiano. Por vezes o acaso

faz com que relacionemos dois textos que, aparentemente, não têm qualquer ligação. Foi isso que me aconteceu recentemente com o conto «Estória da galinha e do ovo». Rafael Barrett (1876-1910), um escritor espanhol e paraguaio muito elogiado por Borges, escreveu um pequeno conto intitulado «Gallinas» que oculta um belo paralelismo com esta *estória* de Luandino; o primeiro segue uma visão mais kropotkiniana, enquanto o segundo mais marxista, para descrever e criticar a condição humana. É altamente recomendável fazer uma leitura paralela dos dois textos<sup>6</sup>.

Sim, é verdade, sofri muito devido a esta tradução e a todo o processo de edição do livro. No entanto, a experiência foi muito gratificante e acho que não me importo de ter aumentado a minha alopecia. Obrigado, Luandino, por me ter feito perder tanto cabelo. As três *estórias* de *Luuanda* compensaram qualquer catástrofe genética.

## Bibliografia

- CALVET, Louis-Jean (2005) – *Lingüística y colonialismo*. Trad. de Luciano Padilla. Buenos Aires: FCE, [1974].  
DE JUAN, José Luis (2011) – *Historias de Angola*. «Bellver, Diario de Mallorca». Palma, 3-XI-2011.  
LIMA, Conceição (2009) – *A Dupla Tradução do Outro Cultural em Luandino Vieira*. Lisboa: Colibri.  
SHAYEGAN, Daryush (2008) – *La luz viene de Occidente*. Trad. de Nuria Viver Barri. Barcelona: Tusquets.  
TABUCCHI, Antonio (2011) – *En una celda de Angola*. Revista «Eñe, Clarín». Buenos Aires, 14-XII-2011.

---

<sup>6</sup> Será possível encontrar a tradução portuguesa deste conto de Rafael Barrett no segundo número da revista *Gratuita*, publicado pelas Edições Chão da Feira ([www.chaodafeira.com](http://www.chaodafeira.com)) em inícios de 2015.